

**INFLUÊNCIA DA BIOENERGÉTICA EM
FUNCIONÁRIOS QUE ATUAM NO
DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS
INSTITUCIONALIZADAS**

ALVES, Sílvia Regina Nobre.

Prof^a Marli Carolina Bonine

Americana, 2011

ALVES, SILVIA REGINA NOBRE

**INFLUÊNCIA DA BIOENERGÉTICA EM FUNCIONÁRIOS QUE ATUAM NO
DESENVOLVIMENTO DE CRIANÇAS INSTITUCIONALIZADAS**

Trabalho apresentado ao LIGARE (Centro de Psicoterapias Corporais) como requisito parcial para conclusão do curso de Psicologia Clínica – Análise Bioenergética.
Orientadora: Prof^a Marli Carolina Bonine

Dedicatória

“Dedico este trabalho aos meus filhos, que sempre me incentivaram a ir atrás dos meus objetivos e que estavam sempre dispostos quando precisei de ajuda, tolerando minha ausência. E a todos que acreditaram no meu potencial ou que gentilmente se prontificaram a colaborar para que alcançasse meu alvo”.
(Alves, Sílvia Regina Nobre).

“Só a prevenção e a tomada de consciência entre os homens pode conduzir, através de uma revolução interior, à evolução humana”. (Wilhelm Reich)

Agradecimentos

Agradeço aos meus professores, por se empenharem em me instruir de forma paciente, pela flexibilidade de conduta, e por não desistir em me fazer aprender cada vez mais; agradeço especialmente á Prof.^a Marli Carolina Bonine que não mediu esforços para a concretização do curso assim como partilhar seu conhecimento e experiência. Também a professora do Ligare, Laine Pizzi, pela sua dedicação e disponibilidade.

Resumo

Com a escassez de estudos e pesquisas, que abordem a influência do comportamento emocional dos funcionários, enquanto “cuidador” de crianças institucionalizadas que foram destituídas de sua família por estarem em situações de risco, vimos a necessidade da elaboração deste projeto de pesquisa, que visa auxiliar os profissionais da área, a entender os fenômenos emergentes e a relevância de sua atuação, visto que, esta contribui para o amadurecimento e o desenvolvimento da criança. A pesquisa teve como público 15 funcionárias de diferentes setores, sendo estas: 10 cuidadoras, 2 faxineiras, 2 cozinheiras e 1 administrativa, que trabalhavam na Casa Abrigo do município de Valparaíso/SP. Utilizou-se reuniões periódicas, nas quais foram debatidos tópicos relativos ao desenvolvimento infantil, a repercussão dos traumas na formação da criança e o afetamento causado aos funcionários no ambiente de trabalho. Também houve atendimentos tanto individuais como grupais baseados na terapia corporal e análise bioenergética. Os resultados demonstram uma melhora significativa na atuação dos funcionários, uma maior compreensão de seu papel e das suas obrigações. No que se refere às crianças ficou nítida uma melhora comportamental, diminuição da agressividade, maior interesse para atividades novas e melhor desempenho escolar, dando indícios de um desenvolvimento adequado e pleno dos mesmos.

Palavras - chave: Bioenergética, desenvolvimento da criança, instituição de abrigo

1. Abstract

With a dearth of research studies that address the influence of emotional behavior of employees, as "caretaker" of institutionalized children who were deprived of their family because they are at risk, we saw the necessity of preparation of this research project, which aims to help professionals to understand the phenomena and the emerging relevance of its activities since it contributes to the maturing and development of children. The research was with 15 employees from different areas of a public institution ten caregivers, two cleaning women, two cooks and one administrative, who worked in the shelter of the city of Valparaiso / SP. We used regular meetings in which were discussed topics related to child development, the impact of trauma on children and how this affects employees in the workplace. There were also sessions both individual and group based on body therapy and bioenergetic analysis. The results show a significant improvement in the performance of employees, a greater understanding of their role and obligations. With regard to children there was behavioral improvement, decreased aggression, increased interest in new activities and better school performance, suggestive normal development of the same.

Keywords: Bioenergetic Analysis, child development, institution a lized children

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	08
2.	INSTITUIÇÃO	10
2.1	– Requisitos obrigatórios à Instituição	10
2.2	– Questionamentos à Instituição	13
3.	FUNCIONÁRIOS	15
3.1	– Subjetividade	16
4.	DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA	18
4.1	– Etapas de Desenvolvimento	18
4.11	_ Etapa da Sustentação	18
4.12	– Etapa de incorporação: Do nascimento ao desmame. (9º mês)	19
4.13	– Etapa de produção: Controle dos esfíncteres. (2 á 3 anos)	19
4.14	– Etapa de identificação (fálica/ fase edipiana)	20
4.15	– Etapa da Formação do Caráter	21
4.2	– Desenvolvimento Genético	21
5.	TRAUMA	22
5.1	– Afetamento Físico do Trauma.....	23
5.2	– Traumas na Infância	24
5.3	– Outros tipos de Traumas	25
5.31	– Fadiga de Compaixão	25
5.32	– Trauma Vicariante	26
6.	BIOENERGÉTICA	27
6.1	– Análise Bioenergética	27
6.2	– Desenvolvimento Energético	29
7.	MÉTODO.....	33
8.	OBJETIVO	34
8.1	– População de estudo e amostra	34
8.2	– Instrumentos e procedimentos para coleta de dados	34
9.	DISCUSSÃO E DEBATE	35
10.	CONCLUSÃO	39
11.	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

1- INTRODUÇÃO

É inegável admitir que ter instituições que amparem crianças e adolescentes carentes, é fundamental em qualquer lugar do mundo. Sempre nos deparamos com esse tema embutido em várias campanhas de TV, no ideal de empresas, no lema de diferentes ONG's, ou como pauta em quase todas as campanhas políticas.

Muito depende do espectador que a observa, de que maneira a instituição se mostrará. Ela é muito mais do que aparenta ser, e necessita muito mais do que se lhes promete dar. Olhar os bastidores é doloroso demais e intrigante; por isto, assistir só o que se apresenta ao palco é do que a grande maioria é capaz.

Falar em proteção e acolhimento quando se está lidando com crianças é prazeroso, mas quando estas crianças apresentam comportamentos que não combinam com sua idade, “bizarros, agressivos e inaceitáveis” no que tange a nossa própria educação, a reação é outra.

Precisa-se mudar a visão de que as crianças têm onde morar, e o que comer, e que isto é o suficiente. Trata-se de uma visão simplista que leva ao comodismo e à alienação.

O que é a instituição abrigo? Como funciona? Quem realmente se importa com ela, e o que faz por ela? Quais seus reais objetivos? É só um trabalho de proteção? É um trabalho preventivo, ou de recuperação? O que acontece verdadeiramente com os protagonistas e com seus coadjuvantes? Quais as conseqüências do descaso, a nível de lócus e a nível social? Como isto interfere numa formação saudável e qual a repercussão futura, para a própria criança e para a sociedade que a cerca?

Foi baseado nestes questionamentos que foi realizada esta pesquisa a fim de aprofundar o olhar e o entendimento dos fenômenos que ocorrem na instituição abrigo, suas conseqüências e possibilidades de atuações que contribuam para um agir assertivo.

Mediante isto, no decorrer deste trabalho abordarei de forma rápida o que se requer de uma instituição de abrigo, e de seus funcionários, como ocorre o desenvolvimento da

criança e os traumas, além de ressaltar o que é a bioenergética, dentre outros assuntos inter-relacionados.

Em síntese, o objetivo do estudo é identificar dificuldades e desenvolver um programa de acompanhamento e apoio aos funcionários de uma instituição de abrigo a menores destituídos da família, através da terapia corporal e da análise de bioenergética, a fim de que este possa ajudar na melhora da atuação do indivíduo como funcionário, refletindo-se no comportamento e desenvolvimento das crianças institucionalizadas.

2 – INSTITUIÇÃO

Ao longo da história houve um aprimoramento nos recursos destinados à proteção da criança e do adolescente no Brasil. Na promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) estabeleceu-se como relevante o direito da criança e do adolescente a ser concebido como sujeito de direito em peculiar condição de desenvolvimento. O artigo 19 do Estatuto assegurou o direito de convivência familiar e comunitária, prioritariamente, na família de origem e, excepcionalmente, em família substituta. E que em situação de risco do menor, as medidas de proteção poderiam incluir o afastamento do convívio familiar e o envio da criança a uma instituição de abrigo, ficando estipulado que outros órgãos seriam acionados para a resolução do problema, empreendendo esforços para viabilizar o retorno seguro a esta convivência.

2.1- REQUISITOS OBRIGATÓRIOS À INSTITUIÇÃO

Segundo o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), a criança tem o direito de viver em um ambiente que contribua para um desenvolvimento saudável, que lhe dê proteção, segurança, apoio e cuidados. A Instituição deverá ter espaços privados, registros e arquivos fotográficos que descreva a evolução de seu desenvolvimento, assim como sua história. Deve ser garantida à criança e adolescente o direito de liberdade de crença e religião, assim como direito a escuta, levando em conta sua opinião. Também o direito a uma educação que promova o desenvolvimento de sua autonomia. Para isto a criança deve desenvolver atividades variadas que possibilitem criatividade, descoberta e habilidades que o ajudem no futuro.

Devem-se criar estratégias para que o vínculo familiar seja mantido e que o afastamento prolongado não contribua para que este se dissolva. É claro que se deve levar em consideração a aceitação mútua do convívio, assim como a avaliação dos laços consanguíneos.

A equipe profissional é de suma importância para fazer o acolhimento e tomar medidas necessárias tanto preventivas como de ajuda. A equipe técnica, educadores e cuidadores devem estar preparados para acolher a criança de modo afetuoso e seguro, capazes de compreender o comportamento e manifestação destes neste momento doloroso, levando em conta a importância do vínculo afetivo que começará naquele instante.

O reconhecimento de que todos os profissionais que atuam neste serviço estão desempenhando um papel de educador, impõe necessidade de seleção, capacitação e acompanhamento, conforme Gulassa (2005, p.02), um espaço onde os educadores possam ter conhecimento sobre “suas funções, suas práticas e sobre si mesmos.”

Estabeleceu-se que a permanência da criança na Instituição Abrigo poderia ser até no máximo de 02 anos. Se necessário mais tempo deveria ser encaminhada à Justiça da Infância e da Juventude relatório baseado no acompanhamento da situação do menor. Este relatório seria relevante para que a Justiça avaliasse e decidisse a melhor alternativa para a criança e adolescente: Ou a continuidade dos esforços para que esta retornasse ao convívio familiar, ou ser encaminhada a família substituta.

Cada município tem parâmetros definidos e orientações técnicas que vigoram em instituições de abrigo. Estas apesar de ter uma base, diferem de um município para outro.

- Número de 15 a 20 crianças de ambos os sexos.
- Que não haja separação de irmãos.
- Que seja prioridade a vinculação de adultos com as crianças.
- O abrigo não deve ter uma identificação que cause preconceito.
- O espaço físico deve ser suficiente para que a criança se movimente, com salas, quartos e cozinha assim como áreas para leitura e brincadeiras.
- As cuidadoras devem exercer seu trabalho trocando turnos, fixos para preservar a rotina.

- Deve ter um adulto para cuidar de no máximo 10 a 15 crianças, sendo relevante atentar-se para a faixa etária e o tipo de público alvo presente.
- Aumentar o número de cuidadores em caso de crianças menores de 03 anos ou crianças com necessidades especiais.
- Deve ter profissionais capacitados como: pedagogo, assistente social e psicólogo.

O IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), em 2007 no levantamento nacional mostra alguns dados interessantes sobre o perfil da população das Instituições de Abrigo do Brasil, cadastradas na rede de Serviço de Ação Continuada. (Relatório de pesquisa n.1, Brasília)

Gráfico 1 – Perfil das crianças Institucionalizadas

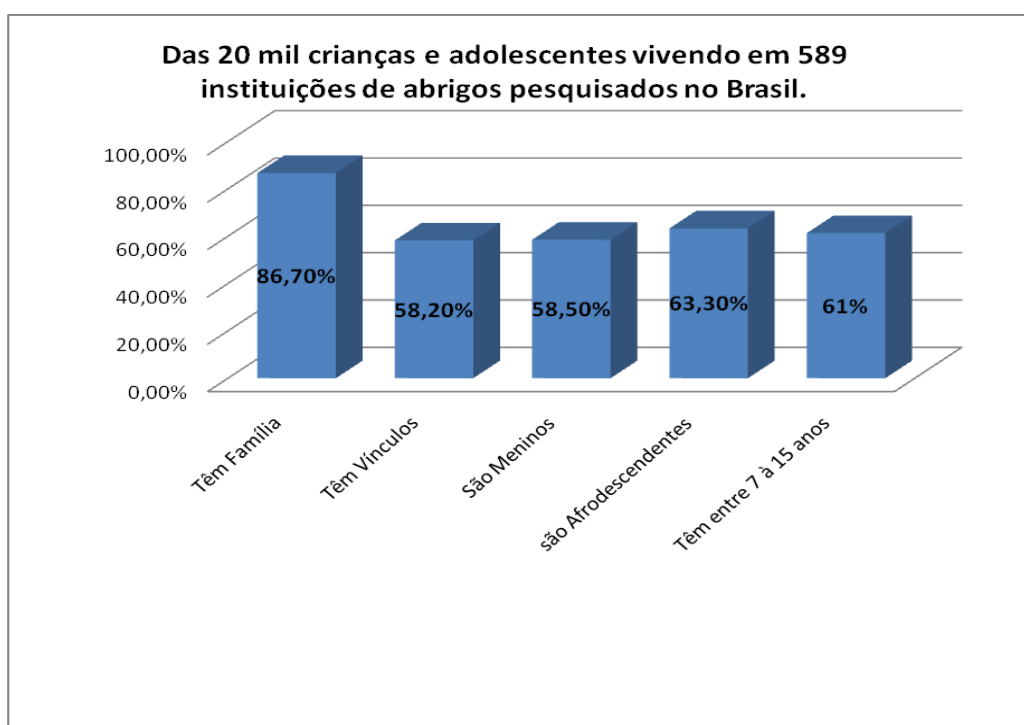
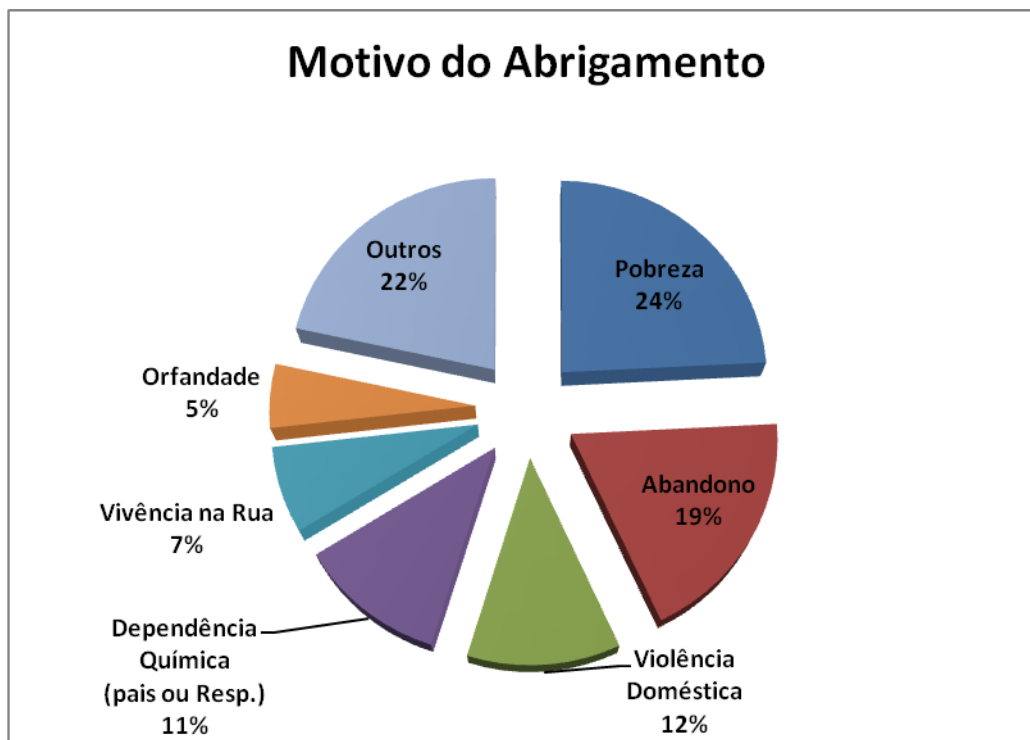


Gráfico 2 – Maiores incidências de causas de abrigamento.



2.2 QUESTIONAMENTOS À INSTITUIÇÃO

Alguns autores vêem a Instituição abrigo de maneira negativa e/ou questionam seu funcionamento. Guirado (1980); Marin (1999) e Cunha (2003) apontam para a visão de que muitas instituições brasileiras atuais não são consideradas adequadas para a criança crescer.

Outros autores ainda acreditam que o relevante é atentar-se não só para as especificações do ambiente Instituição, mais para o funcionamento deste, ou seja, número reduzido de crianças por cuidador, individualização e pouca rotatividade de funcionários para possibilitar a criação de vínculos afetivos. (CARVALHO, 2002; SOUZA LIMA, 1989; MARIN, 1999; RIZZINI & RIZZINI, 2004)

"o espaço físico isolado do ambiente só existe na cabeça dos adultos para medi-lo, para vendê-lo, para guardá-lo. Para a criança existe o espaço-alegria, o espaço-medo, o espaço-proteção, o espaço-mistério, o espaço-descoberta, enfim, os espaços de liberdade ou da opressão" (SOUZA LIMA, 1989, p. 30).

Marin (1999) considera que a instituição só terá um aspecto positivo em relação á formação da criança, sua identidade e desempenho se as experiências vivenciadas na instituição, em relação ao vínculo afetivo e apoio social, forem adequados. E que a instituição deveria fazer o papel de substituta total da família.

“O atendimento padronizado, o alto índice de crianças por cuidador, a falta de atividades planejadas e a fragilidade das redes de apoio e afetivo são aspectos que inviabilizam um bom desenvolvimento da criança abrigada”.
(CARVALHO, 2002)

Rizzini & Rizzini (2004), chama a atenção para a descontinuidade de vínculos afetivos na instituição abrigo, pelo deslocamento das crianças para outros abrigos, entre a casa dos pais ou familiares, pelo deslocamento da equipe dirigente, etc.

Centurião (1999) salienta a necessidade de ações preventivas por parte das instituições, atentando-se para a relevância da exigência da admissão de profissionais capacitados, competentes e rever atitudes e parâmetros diante da complexidade das interações humanas.

Spitz (1988) afirma que não é suficiente um ambiente com higiene e alimentação satisfatória se não houver afeto por parte dos cuidadores. Segundo ele, “crianças que vivem em instituições estão propensas a serem acometidas por quadros infecciosos e outras doenças”.

Para Bowlby (1998) as crianças que estão privadas da relação afetiva com uma figura de apego segura ficam mais susceptíveis de apresentarem distúrbios orgânicos, depressões, ausência de sentimentos, apatia, falta de controle emocional, isolamento afetivo, dificuldades para estabelecer laços de amizade, dentre outras características.

3 – FUNCIONÁRIOS

Quando um funcionário é admitido em uma organização o vínculo que os unirá terá propriedades comuns. Obrigações e direitos. A instituição imporá compromisso e adesão.

Devemos levar em consideração que a contratação, às vezes, tem uma conotação de amizade ou retribuição de favor. Sendo assim, ficam implícitos determinados assuntos que tanto um como outro acreditará que lhes são conscientes.

Segundo Durkheim (1957, p. 69), “atrás de cada contrato existe suposições não contratuais a respeito do caráter do participante”. Espera que o contratado aja de acordo com o perfil que a instituição exige e este por sua vez acredita que seu caráter e sua forma de ser é o esperado.

Goffman (1974) faz um questionamento quando diz: “Se todo vínculo supõe uma concepção ampla da pessoa ligada por ele, devemos ir adiante e perguntar como o indivíduo enfrenta esta definição de si mesmo”.

Precisa-se considerar que na contratação não se leve em conta a pessoa apenas enquanto participante na instituição, mas a concepção dele enquanto ser humano. Talvez queira evitar que o vínculo traga conseqüências sobre a sua concepção de si mesmo. Sendo assim, existe a possibilidade de o indivíduo deixar de cumprir suas obrigações, disfarçar sua atuação diante de outras pessoas que o observam.

Precisa-se pensar como o indivíduo se isola do papel e do eu que a instituição admite para ele e como isto implica no comportamento com os outros e na sua atuação enquanto cuidador (no caso de uma instituição que abriga crianças). Qual a influência do ambiente de trabalho sobre seu emocional e qual a resposta dada a este afetamento, muitas vezes, sutil.

3.1– SUBJETIVIDADE

Roussellon (1991) salienta que a instituição é um espaço que produz subjetividade e ela vai funcionar pelo modo como o sujeito se dá nessas relações.

A subjetividade desses indivíduos sofre transformações, é algo dinâmico porque existe o campo do imaginário, sendo que os lugares ocupados nas instituições tendem a transcender a dimensão do real. O indivíduo no plano do real é um, no plano do institucional é outro, porque ele personifica sua atuação.

Na instituição existe uma dimensão representacional na rede de relações que forma um imaginário institucional. Esta rede de relação institucional pode causar a alienação do sujeito.

Todos os envolvidos na instituição tornam-se atores porque ocupam um lugar representacional, a ação se cristaliza e torna-se estagnada.

O funcionário institucional repousa sobre importantes fatores sociais, ideologias grupais que se manifestam, as flutuações da conjuntura institucional singular, ou seja, o efeito grupal num determinado momento das particularidades deste ou daquele instituinte ou instituído.

Enriquez (1997) quando falou sobre organização, falou sobre a dominação do inconsciente, o papel do imaginário, a instabilidade do ego e o papel do recalçamento. O imaginário é resultado de imagens interiores que formamos em nossa memória ligadas a lembranças, pessoas ou informações de idéias, valores, que construímos e utilizamos. Isto constitui uma realidade subjetiva que liga a realidade interna da pessoa a sua realidade externa e contribui para a formação de sua personalidade e conseqüentemente para sua atuação.

As organizações têm símbolo de poder, e influência na natureza psicológica do indivíduo, modelam seus impulsos e os sistemas de defesa individual; esta dominação passa despercebida ao nível da consciência e torna-se fonte de angústia e prazer. É também capaz de influenciar o inconsciente. A estrutura de trabalho é definida e os procedimentos são estabelecidos, os indivíduos coletivamente se comportam de maneira

uniforme, sabem o que é ser responsáveis e o que é ter consciência profissional, o que é ter senso de dever, o que é ser trabalhador sério. Tornam-se prisioneiros do trabalho e de sua própria conduta. Nosso inconsciente nos aprisiona com muita facilidade, e o que nos parece racional, muitas vezes, não é mais do que uma forma assumida pelo inconsciente.

A instituição como espaço alienante consegue que os funcionários (como atores sociais) não falem em seu próprio nome, não tenham domínio do seu próprio destino, não são incluídos no processo de decisão, mas são falados pelos outros e vivem sob o reino da heteronímia. Defini-se assim a relação de submissão, mascarada de autoridade legítima e necessária. Esta forma de dominação e alienação também permite de alguma forma que o indivíduo se realize, na questão de trabalho, do dinheiro e do status. A busca de sobrevivência material e o desejo de onipotência fazem com que o indivíduo se identifique com o seu local de trabalho, local que lhe promove prazer e angústia.

Goffman (1974, p.108), diz que “a instituição se apresenta ao público como organização racional consciente e planejada com mágica suficiente para atingir determinadas finalidades”.

Deixam acreditar que a função desta é a reforma dos internados em direção a um padrão ideal, e é esta contradição entre o que a instituição realmente faz e aquilo que oficialmente diz fazer que constitui o contexto básico das atividades diárias dos funcionários.

Trabalhar com objetos e produtos que são pessoas é algo diferente de qualquer outro trabalho.

Ao mesmo tempo em que os funcionários impõem poder, precisam respeitar o direito dos internados, vivenciando total falta de autonomia. Existe uma hierarquia que lhe cobra uma ação e seguidamente o resultado desta.

Outro ponto em questão é a afetividade, o funcionário sofre pelo sofrimento do internado. Um lugar que se faz punitivo em alguns momentos, que se faz violento, trágico, que se faz desumano e que o afeta mesmo que lute contra isto.

4 - DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA

Desenvolvimento é um processo dinâmico que significa “fazer crescer, prosperar, aumentar, progredir, fazer evoluir”. O ser humano cresce e se desenvolve em sua anatomia e amadurece em sua fisiologia.

O desenvolvimento emocional de uma criança desde a sua concepção até a adolescência acontece em etapas. A criança progride, amadurece, cresce e neste processo vai aprendendo novas experiências que são registradas na memória celular em forma de marcas, registros. Desde o início trazem em sua bagagem genética valores biofisiológicos, emocionais-afetivos e intelectuais que serão transmitidos para as outras células do corpo durante o processo do desenvolvimento, ao qual vão sendo agregadas experiências que a criança vivenciar.

Essas etapas do desenvolvimento emocional se completam entre seis anos e a adolescência, onde o caráter é estabelecido, ou seja, a forma que o indivíduo agirá frente às situações que a vida lhe proporcionar. (REICH, 1995). Portanto, “o caráter específico de cada indivíduo é o resultado de todas as experiências ocorridas desde a concepção até a maturidade” (LOWEN, 1982, p. 149).

4.1 ETAPAS DO DESENVOLVIMENTO

Segundo Volpi & Volpi (2009) o desenvolvimento da criança é dividido em etapa de sustentação, incorporação, produção e identificação.

4.11 - Etapa da sustentação

É um período que se estende do momento da fecundação do óvulo aos primeiros dias de vida.

Leva-se em conta tanto o suporte que o útero dá ao zigoto como o que a mãe dá ao bebê, após o nascimento nos primeiros momentos de vida.

Quando falamos em suporte nos referimos ao suporte energético afetivo e emocional, com sensação de acolhimento, permitindo ao bebê desenvolver as funções sensoriais da pele, dos olhos, nariz e ouvido que permitirá fazer contato com o mundo.

Isto será primordial para que o bebê não tenha dificuldades com aproximação e contato. Quando há falha nesta fase, o corpo do bebê se retrairá, haverá um abandono do corpo migrando para o raciocínio. Ocorre uma cisão da unidade sensorial, emocional e energética que terá sérias conseqüências no contato com o mundo.

4.12 - Etapa de incorporação: Do nascimento ao desmame. (9º mês)

Fase da mastigação onde a energia está contida na boca causando um desconforto ao bebê que necessita colocar em funcionamento sua capacidade de triturar o próprio alimento e com isto descarregar esta energia.

A incorporação não está só relacionada ao alimento físico, mas também emocional transmitido energeticamente através de um seio caloroso.

Nesta fase o bebê não é capaz de se responsabilizar pela sua própria alimentação mas futuramente irá amadurecer e buscar a autonomia.

O desmame precoce ou tardio poderá deixar marcas de repressão ou insatisfação e levará a pessoa a depender dos outros assim como precisar nutrir-se destes. Um vazio interno se fará, faltará força para buscar. O trauma se dará em virtude da ausência do direito de receber suporte na fase da amamentação, e a necessidade permanece. Em conseqüência disto ele terá traços de caráter oral.

4.13 - Etapa de produção: Controle dos esfíncteres. (2 a 3 anos)

A Criança nesta fase percebe o próprio corpo assim como seus movimentos intestinais e sua capacidade de produção. Passar por esta fase de maneira natural não trará complicações futuras, mas se a criança for submetida a um controle severo dos esfíncteres pelos adultos crescerá também manipuladora, e sem capacidade de autonomia sobre suas próprias necessidades.

Terá como conseqüências traços de caráter compulsivo, obsessivo, psicopático e masoquista.

Segundo Lowen, (1983), o caráter psicopata é resultado da sedução da mãe em relação à criança assim como um enaltecimento excessivo desta frente a outras que, terá como conseqüência o desenvolvimento inadequado. A parte superior do corpo terá um desenvolvimento maior, com prejuízo da inferior que não estará em contato com o chão. A conseqüência será a falta de contato com a realidade, assim como, a falta de percepção dos sentimentos mais a negação de acessá-los comprometendo a satisfação das necessidades do corpo.

O caráter masoquista por sua vez se desenvolve em função do controle da alimentação e dos esfíncteres. Nesta etapa os pais controlam quando e como a criança pode comer e defecar. Este controle faz com que a criança venha para o mundo não consciente da necessidade de sua autonomia, mas acreditando que os outros têm que sinalizar o que eles devem fazer e quando. Assim, assumem tarefas excessivas sem levar em conta seus limites físicos e emocionais. O controle a que é submetido causa-lhe raiva trazendo como característica reclamação assim como uma pressão interior que pode levar a explosões emocionais.

4.14 - Etapa de identificação (fálica/ fase edipiana)

Entre 3 e 5 anos a criança, pela percepção do seu próprio corpo, do dos pais e de outras crianças começa a perceber a diferença entre meninos e meninas, no que tange a particularidades sexuais anatômicas, ou seja, a existência de um pênis ou sua ausência como conseqüência de uma série de descobertas sexuais, ele vai estabelecendo sua identidade sexual..

O amor pelos pais nesta fase está vinculado à sexualidade e precisa ser reconhecido por estes. Se a criança for rejeitada ou reprimida em suas descobertas desenvolverá traços de caráter histérico ou fálico que tem como característica, narcisismo (exibicionismo e sedução).

Haverá um bloqueio físico nas partes do corpo que expressam emoções não permitindo senti-las. A manifestação dos sentimentos é tida como vulnerabilidade, acarretando uma necessidade de se fazer forte. Frente a isto evitará sentir e entregar-se a sensações.

Durante estas etapas a criança vai estruturando seu caráter que se não tiver bloqueios o permitirá administrar suas necessidades físicas e emocionais de maneira equilibrada podendo entregar-se de maneira plena á vida em busca do prazer.

4.15 - Etapa da formação do caráter

Nesta etapa acontece a estruturação do caráter que será o resultado de suas vivências das etapas anteriores e interiorizações. Poderá estar carregada de registros traumáticos e com isto haver bloqueios que o impedirão de se entregar à vida plenamente, ou sem estes registros traumáticos, possibilitará viver a vida de uma forma equilibrada, física e emocionalmente.

4.2 – DESENVOLVIMENTO GENÉTICO

Há muito se fala que a forma como a criança é criada pode alterar a natureza genética dela e de seus descendentes.

Pesquisadores da epigenética têm investigado como os traumas, estresse, poluição e o ambiente podem afetar, durante o desenvolvimento físico e emocional da criança, a maneira como o código genético é expresso.

Foram encontradas evidências de que os descendentes de uma pessoa no futuro, no que tange a saúde, poderão ser influenciados pelas vivências de hoje desta pessoa num ambiente afetador.

“Os mecanismos da epigenética não alteram a estrutura do DNA, mas alteram a molécula do DNA de forma a modificar o volume de dados biológicos que serão transmitidos pelo gene”, explicou Rachel Yehuda (2011), professora de psiquiatria e neurobiologia e diretora da divisão de estudos do estresse traumático da Escola de Medicina Mount Sinai, de Nova York.

5. TRAUMA

De acordo com David Bercei (2007), “o trauma é qualquer experiência que traz uma sobrecarga ao mecanismo normal de suportar dificuldades”.

É uma reação primariamente autônoma, instintiva e inconsciente do organismo vivo que tem como consequência mudanças neurológicas, biológicas e anatômicas que ocorrem sem a decisão consciente da pessoa.

“Um trauma ou acontecimento traumático significava originalmente um evento (externo ou interno) de uma magnitude com a qual o ego do indivíduo não consegue lidar, ou seja, um súbito influxo de excitação tão maciço que é capaz de romper a barreira de estímulo que o ego normalmente possui. A esse significado puramente quantitativo do termo foram se acrescentando qualificações tais como, cumulativo, retrospectivo, silencioso, benéfico; até que o conceito acabou ficando mais ou menos sinônimo da noção de evento patogênico em geral.” (FREUD, A. 1970 p. 205)

O afetamento do trauma é muito relativo, precisa-se levar em consideração a singularidade humana. Uma experiência traumática assim como o seu grau de afetamento não pode ser definida pela grandeza deste ou daquele acontecimento, mas sim, como o acontecido repercutiu sobre determinada pessoa. Às vezes elas sobrevivem aos episódios traumáticos, mas seus efeitos são prejudiciais. São acometidas de sintomas, reações e comportamentos pós-traumáticos a ponto de alterar o curso de suas vidas.

Temos como exemplo de traumas comuns os desastres naturais como terremotos, tempestades, tornados e inundações. Outros induzidos pelo próprio homem: acidentes de transportes, violência doméstica, perda de um ente querido, assaltos, explorações sexuais, guerras, entre outras.

O cérebro processa experiências traumáticas de maneira diferente. Ele não recebe a experiência de forma completa, mais sim, fragmentada porque senão seria devastadora.

Sem processá-las imediatamente o corpo as guarda na parte somato-sensorial para serem processadas em outro momento. Em consequência deste funcionamento biológico o corpo reconhecerá estímulos semelhantes ao evento traumático e causará um *flashback*.

Sigmund Freud (1937), ao citar Goethe disse: “O ego adulto, com sua força aumentada, continua a defender-se contra perigos que não mais existem na realidade; de fato, ele se acha compelido a procurar na realidade aquelas situações que podem servir como um substituto aproximado para o perigo original, de maneira a poder justificar, em relação a elas, a manutenção de seus modos habituais de reação.”

Conforme Berceli (2007), quando um indivíduo é exposto a uma situação traumática por um tempo prolongado ou repetidamente, a química do corpo (adrenalina, cortisol e a serotonina) sofre uma alteração. Com o aumento da cortisona e da adrenalina o corpo acostuma-se com esta produção e a reconhece como normal.

A serotonina é a droga que nos faz sentir bem porque inibe e impede nossos impulsos agressivos. Estudos revelam que a diminuição da serotonina aumenta a impulsividade e a agressão.

Berceli fala sobre a importância de se equilibrar essas mudanças biopsíquicas no corpo, visto que elas levam o indivíduo a ter reações exageradas a tensões normais do dia-a-dia.

Somente na passagem dos estágios de maturação como adolescência, meia idade e velhice é que o cérebro, automaticamente, enviará estas memórias guardadas para a área de processamento, aí o indivíduo poderá recordar traumas infantis.

5.1 - O AFETAMENTO FÍSICO DO TRAUMA

Nosso corpo foi projetado para se contrair em momentos de perigos e relaxar em momentos seguros.

Durante o episódio traumático o corpo se contrai para proteger a pessoa e assim que o perigo passa, libera a tensão. Só que nosso processo de socialização tem contribuído para que isto se altere e o corpo não consiga liberar a tensão de uma maneira tão autônoma. O bloqueio pode se dar, simplesmente, pelo fato de a pessoa achar que demonstrar medo é um sinal de fraqueza.

5.2 - TRAUMAS DA INFÂNCIA

A criança é um ser em desenvolvimento e nesta fase os acontecimentos traumáticos têm uma repercussão diferente da pessoa adulta. O adulto é capaz de criar um processo de pensamento para lidar com o trauma que sofreu por um tempo, e quando consegue se curar, ele dissolve esta característica e volta a funcionar em um processo normal antes existente. A criança não. Quando é obrigada a usar muitas vezes padrões de pensamentos de trauma, isto faz com que esta característica se torne permanente em um cérebro em desenvolvimento. Crianças traumatizadas responderão a todos os eventos não familiarizados e intensos como se fossem traumas perigosos.

Conforme Bercei (2007), “Somente agora estamos começando a reconhecer os efeitos prejudiciais, em longo prazo, que o trauma tem sobre a organização institucional, estrutural e relacional de muitas corporações e instituições.” Chama a atenção para a ineficiência das técnicas atuais e a necessidade da criação de outras visto que as implicações são grandes em organizações cujas pessoas trabalham em ambientes que induzem ao trauma ou os expõem a outros traumas que vivem ou já viveram.

Isto pode acarretar uma deficiência nos relacionamentos profissionais, falta de confiança e esperança entre os membros da equipe, assim como, sensação de frustração. Perdem assim o senso de carinho e de preocupação de uns para com os outros. Este acontece não só no ambiente de trabalho, se estende também a sua vida social. O comprometimento de falta de confiança é a nível neural e a pessoa é prejudicada por um medo de vida ou morte. Isto é inconsciente e se a pessoa não tem esta informação não conseguem confiar mesmo que desejem conscientemente.

Um simples medo pode acarretar reações de terror como resposta defensiva levando a pessoa a explosões de raiva, colapso, choro, isolamento ou depressão.

Trauma físico ou emocional extremo passado pela mãe pode causar uma diferença hormonal nas crianças, tornando-as mais suscetíveis a transtornos de humor – como ansiedade e depressão.

Há evidências de que o trauma e o estresse podem afetar a saúde psicológica de um indivíduo ao alterar a genética que regula a química corporal.

5.3 – OUTROS TIPOS DE TRAUMA

Berceli (2007) cita ainda outras formas que podem causar trauma como a fadiga de compaixão e o trauma vicariante.

5.31 - Fadiga de compaixão

É uma experiência comum que afeta pessoas que trabalham em ambientes passíveis de traumas ou que vivem em ambientes violentos.

Profissionais que vivem sob fortes emoções que são reprimidas ou suprimidas são acometidos de tal fadiga, também pessoas que vivem em ambientes violentos, expostos a tensão duradoura.

Muitos profissionais trabalham em ambientes onde é necessário dar apoio a dor do outro, e para isto, muitas vezes reprimem sua própria dor, sua própria emoção. Se for exposto a esta situação por semanas ou meses, isto fará com que o corpo contraia a musculatura da face, pescoço e peito como uma maneira de conter a emoção e segurar as lágrimas.

O corpo exposto a muitos eventos traumáticos sofre bloqueios psíquico-emocionais que podem trazer exaustão, levando a pessoa a deprimir, desconectando-a emocionalmente.

Também, a pessoa que nunca viveu o trauma, mas por estar em contato com alguém que o tenha vivido, pode usando a imaginação, se tornar mais amarga, mais rancorosa, com

mais raiva e mais vingativa do que a própria pessoa que o viveu. Isto se faz perigoso porque não está conectada à realidade do corpo traumatizado.

5.32 - Traumatizações vicariantes

É uma mudança de pensamento de determinada pessoa por ficar exposta as experiências traumáticas de outro.

Esta experiência psicossomática é muito prejudicial, porque embora o profissional nunca tenha vivido o trauma é afetado por ter ouvido e se identificando com a mesma história traumática, várias vezes, de seus clientes. (BERCELI, 2007)

6. BIOENERGÉTICA

Durante séculos o homem foi olhado e entendido não como uma unidade, mas como tendo uma cisão entre pensamento e emoção, exacerbando o poder da mente sobre o corpo. Com o passar do tempo a evolução das ciências humanas trouxe luz ao entendimento da indissolubilidade entre mente e corpo levando em conta não só a influência do pensamento sobre a emoção, mas também da profunda influência das emoções sobre o pensamento.

Quando falamos em pensamento nós pensamos a cabeça, mas quando falamos em emoção temos que ir para o corpo e compreendê-la a partir das manifestações corporais, tensões, posturas, expressividade e doenças.

Reich na década de 20 e 30 trouxe uma abordagem onde levava em conta na leitura das emoções humanas tanto o psíquico quanto o somático. Ele acreditava que em todo o processo de vida havia energia e dedicou-se a fazer experiências em laboratórios a fim de provar isto. Suas afirmações causaram um grande impacto às ciências daquela época.

Em 1934 Alexander Lowen, um norte americano formado em direito, por conta da repressão econômica não conseguiu trabalhar em sua área e por este motivo tornou-se orientador de atletismo. Esta experiência pessoal levou-o à convicção da relação entre bem-estar físico e mental e da possibilidade de influenciar as atitudes mentais através do corpo.

O encontro entre Reich e Lowen deu-se nas palestras que Reich ministrava sobre a análise do caráter e a fusão das duas histórias possibilitou o nascimento da Análise Bioenergética.

6.1 – ANÁLISE BIOENERGÉTICA

A análise bioenergética se propôs a entender a personalidade da pessoa através do corpo, acreditando que o processo energético determina o que acontece entre a mente e o corpo. Sendo assim, o que permite o entendimento da personalidade seria a análise do

funcionamento do caráter psíquico juntamente com a estrutura corporal /ou atitude muscular. A influência de um sobre o outro e o resultado desta influência é o que levaria a pessoa a uma atitude funcional e à auto regulação.

Na bioenergética também se dá ênfase a energia biológica que num movimento interno dinâmico produz equilíbrio e bem-estar. Este movimento é tido como movimento de carga e descarga ou ritmo natural de “abrir, ir ao encontro de algo/alguém ou afastar-se, fechar-se”. Este movimento parte do corpo numa expressão de necessidade, que gera ansiedade, vai buscar satisfazer-se no ambiente e quando a necessidade esta é suprida acontece a descarga da ansiedade.

As conseqüências de situações onde não podemos satisfazer as nossas necessidades físicas e emocionais podem ser muito sérias.

O organismo usa meios para sobreviver e se não pode satisfazer suas necessidades (ex; fome, afeto), ele supera a situação enrijecendo-se, se a realidade no momento mostra que a demanda não poderá ser suprida a solução seria não mais necessitar, ou seja, bloquear o movimento de busca. Neste momento há conflito entre necessidade interna que busca e a externa que não supri e esta causa uma grande ansiedade. Dando lugar ao controle do ego que nesta situação acredita que “amortecer-se” de modo a não mais sentir seria a solução.

Este controle acontece desde muito cedo. A criança aprende que para diminuir a sensação, a necessidade, o controle e a ansiedade, a solução é respirar menos. Isto lentifica o funcionamento do corpo e diminui a sensibilidade das próprias emoções. Também, acontecem defesas na forma de contrações musculares que causam bloqueios energéticos em diferentes partes do corpo dando origem a couraças que mantêm as emoções controladas.

Esta contração leva ao fechamento, ao retraimento e à dor, que geram angústia latente e distúrbios neuróticos, psicossomáticos e mesmo psicótico.

Um dos principais pressupostos da análise bioenergética é que a meta essencial de vida é o prazer e nunca a dor. O movimento expressivo do organismo, como fluxo de sentimento e energia que se dirige do centro para a periferia do corpo é o que provoca

prazer. Parte do coração em direção aos pontos de contato com o mundo: olhos, boca, pele, mãos e genitais.

O grounding também é uma prática corporal em bioenergética que significa enraizar-se, manter contato com a realidade. A pessoa em contato com seu corpo, com seu sentimento pode, através do grounding, restabelecer vibrações corporais que são perdidas, desde a infância, frente aos bloqueios.

A bioenergética propõe em seu tratamento restabelecer a capacidade do indivíduo de se relacionar de maneira saudável consigo mesmo, frente a sua vitalidade expressa em seu corpo e em suas emoções. Assim como em sua relação com outros seres humanos, com a natureza e com a espiritualidade. Dentro de sua singularidade pode se posicionar com o seu “ser no mundo”.

6.2 - DESENVOLVIMENTO ENERGÉTICO

1. A princípio, na batalha do “existir”, acontece uma grande corrida dos espermatozoides, centenas de milhões deles, para alcançar o óvulo feminino. No momento desta junção, entre óvulo e espermatozoide, fundem-se os núcleos e à uma grande descarga de energia que dá início à “vida”, e de uma maneira fascinante, começa o desenvolvimento de um “ser”, que se fará único e que precisará se posicionar para o seu “ser” no mundo. (WILHEIM, 1992, p.26-7). O óvulo por sua vez trafega em um percurso conturbado, tendo que vencer barreiras até seu habitat específico, o útero, e é neste momento que se inicia o trabalho energético de uma pessoa. (Volpi & Volpi, 2002).

Tudo o que se passa com o novo ser, desde a emissão das duas células básicas componentes, têm um registro que fica guardado em nossos arquivos de memória. Também, acontecimentos vividos, principalmente os ocorridos na primeira infância, quando as nossas defesas ainda são precárias, são registrados pelo corpo. “Acontecimentos estressantes e traumáticos podem deixar registrados no corpo marcas profundas e irreversíveis”, Volpi (2002, p. 129), bloqueando a circulação energética e impedindo a pulsação natural do organismo. Se a criança, durante as fases do desenvolvimento não sofrer comprometimentos entre seus impulsos

naturais e as frustrações impostas a elas por uma educação rígida, repressiva e moralista, será capaz de chegar ao que Reich (1995) denominou de caráter genital, sem bloqueios energéticos com um sistema auto-regulado. Em contrapartida, se a criança for frustrada nos impulsos, criará bloqueios energéticos e fixação da energia na fase do desenvolvimento em que a criança se encontra, deixará registros que se agregarão ao caráter da criança que será neurótico e não mais genital.

Para Wilhelm Reich (1987) na experiência traumática precoce, no início da vida, a criança contrai seu plasma vital para se proteger da dor. Ele queria entender como a criança iniciava e desenvolvia os seus bloqueios musculares e emocionais que a levariam a uma vida não saudável e infeliz por criar uma “armadura do caráter” tão precocemente.

Reich em seu conceito do “contato” observou o movimento de uma ameba e como ela reagia (organismo unicelular), que mais tarde chamou de “bio-sistema” (núcleo energético) pulsante no centro, o sangue, e uma membrana que ele contém.

A energia pulsa no interior da membrana e um campo energético se estende em torno desta.

O movimento de contração e expansão depende se a estimulação parte de um ambiente hostil ou estimulante. Se estimulante a energia flui em torno da periferia e o campo de energia se alarga/alastra. Ou, se hostil, a energia parte da periferia para o centro e o campo energético se contrai. Se a estimulação negativa persiste, a pulsação cessa e a ameba morre.

Reich, W. (1987) fez um paralelo com o organismo humano, apesar de mais complexo e concluiu que o movimento da “bioenergética” no plasma da ameba é funcionalmente idêntico ao movimento do sangue de todos os seres humanos e que a expansão ou contração, é a emoção, um movimento energético expressivo do sangue ou “linguagem expressiva do ser vivo”.

A ameba em um movimento ondulatório faz contato com outra ameba através de uma “Ponte de energia” em busca de um contato agradável. Assim, existe uma atração de

dois campos de energia, de dois bio-sistemas pulsantes que se atraem, se tocam, se fundem, emanando luz e vibrando juntos.

No “contato” entre a mãe e o bebê também é assim. A mãe idealmente procura dar prazer ao bebê para que ele desenvolva desde seu nascimento seu potencial para crescer.

O bebê possui bio-energia pulsante, onde a excitação parte do seu corpo se expandindo e entrando em contato o ambiente e o corpo da mãe. Neste momento o bio-sistema do bebê e o da mãe se expressa com uma vibração auto-expressiva e no “contato” formam um bio-sistema maior, misturando-se ambas as energias e expandindo-as para o ambiente em volta.

Para Reich, segundo Donice (2011), esta comunicação é Bio-social. “Bio” porque é uma comunicação emotiva que parte da pulsação plasmático-energética. “Social”, porque é entre dois seres humano.

A comunicação Bio-social é a base de qualquer comunicação humana.

O bebê quando em contato com a sua mãe mostra saúde. É a expressão visível da liberdade sanguínea-energética auto-expressiva, por onde mãe e bebê dialogam.

O bebê manda sua mensagem e a mãe com um senso sutil e refinado sente, dentro de si, e responde. Este contato rítmico e energético é o grounding para o bebê.

Grounding nesse momento do desenvolvimento é a conexão energética com a mãe, é a condição que propicia a criança o seu “ser” no mundo.

O contato pele a pele da mãe com o bebê, o carinho e o tato, são fundamentais para o desenvolvimento físico, químico e psicológico do bebê. Ele ouve e reconhece os batimentos do coração da mãe que lhe é familiar, ouve o “cantar” da mãe e do pai ao recebê-lo, percebendo a voz, olha nos olhos da mãe que está esperando receptiva para por este momento.

A relação mãe-filho-pai-família quando iniciada desde a gestação se estabelece com maior intimidade, naturalidade e espontaneidade no momento do nascimento. Proporciona aos pais, principalmente à mãe, estar mais concentrada nos desejos e

solicitações do bebê, favorecendo o atendimento e uma resposta à expectativa da criança, mais rápida, mais centrada, sensível e amorosa.

A primeira casa do bebê é o útero materno que o abriga. Os acontecimentos durante a concepção e durante a vida uterina, na chegada ao mundo, na amamentação, no modo de ser acalentado no colo, do primeiro ano de vida e da infância irão determinar a formação do caráter do indivíduo e sua dinâmica de agir no mundo.

“Não imponha às crianças os males que lhes foram impostos. Não os transmitam, consciente ou inconscientemente, à próxima geração. Ao contrário, você pode quebrar a corrente de mil anos dessa herança, mesmo que esteja enrolada nela e sofra por isso. Eis a grande esperança”. (REICH, E. 1998).

7 - Objetivo

O objetivo do estudo foi desenvolver um programa de acompanhamento aos funcionários de uma instituição de abrigo para menores destituídos da família, utilizando a terapia corporal e a análise bioenergética, a fim de ajudar na melhora e a atuação do indivíduo como funcionário, refletindo-se no comportamento e desenvolvimento das crianças institucionalizadas.

8 - MÉTODO

8.1 - População de estudo e amostra

Fizeram parte da pesquisa, 15 funcionárias de diferentes setores, sendo estas: 10 cuidadoras, 2 faxineiras, 2 cozinheiras e 1 administrativa que trabalhavam em uma Casa Abrigo.

Os critérios de escolha das amostras levaram em consideração o contato freqüente das funcionárias com as crianças da instituição; tendo em vista que mesmo atuando em setores diferentes, todas interferem no comportamento dos menores direta ou indiretamente.

8.2 - Instrumentos e procedimentos para coletas de dados

Realizou-se uma coleta de dados do comportamento das crianças, bem como atuação das funcionárias através dos relatórios diários de cada abrigado conforme norma padrão de instituições deste tipo.

Houve também um acompanhamento, do cotidiano da instituição durante o mesmo período, visualizando assim a atuação das funcionárias, bem como a resposta de cada criança à mesma.

Foram ministradas reuniões com discussões das atuações, terapia em grupo e terapia individualizada durante o período de um ano e meio.

9. DISCUSSÃO E DEBATE

Quando pensamos em Instituição de Abrigo nos remetemos a um lugar de acolhimento, aconchego, proteção e cuidados, mas o vivenciar nos leva a outra conotação. Um lugar de dor, sofrimento, tristeza e angústia. Um lugar onde o dia-a-dia nos faz vivenciar momentos bons e ruins, momentos de alegria e tristeza. Um ambiente que lida com um ser em desenvolvimento, em formação, que não tem as defesas estruturadas para lidar com os problemas que surgem, às vezes, tão grandes que nos parece surreal. No dia-a-dia há sempre uma expectativa das chegadas; e das partidas; cada palavra, cada gesto, cada olhar tem uma fala que se torna difícil demais de ser ouvida. Em cada história sua dor e a incerteza do que o amanhã trará.

Não dá para resolver os problemas se não ficarmos de frente com eles. É claro que na definição do ECA para as normas a serem seguidas na instituição abrigo estão contidas inúmeras que visam suprir boa parte das necessidades das crianças, dentre estas, a necessidade de um acompanhamento amplo de profissionais especializados, mas nem sempre isto é cumprido e na maioria das vezes estes (profissionais) desempenham várias outras atividades sendo sobrecarregados nos afazeres.

No campo de observação ao desenvolver este trabalho percebeu-se que as cuidadoras, em suas atividades e ocupações, acreditavam que seu atuar se limitava a higienizar, agasalhar, alimentar, deixar confortável, ajudar nas tarefas escolares, estar atentas aos movimentos da criança pelo ambiente, assim como proporcionar brincadeiras, segurança e bem-estar físico, para isto estipulavam muitas regras e hora para tudo. Com este agir mecanicista é inevitável gerar comportamentos rotineiros e repetitivos, levando a práticas cotidianas desprovidas de sentido e significado que dissociavam o abrigo do conceito de lar.

A instituição abrigo tem que ser um ambiente reparador e as cuidadoras deve ser facilitadoras do processo de desenvolvimento, tendo consciência da importância do seu papel, de mãe substituta, e que a troca vivenciada entre eles beneficiará ou não o

desenvolvimento da criança. O que vai de acordo com Bowlby (1988) que enfatizou a importância da relação mãe/bebê ou da criança pequena; salientando que esta relação seja “calorosa, íntima e contínua”, pois tal troca é fundamental para um desenvolvimento mental saudável.

Existe uma estreita relação entre vínculo e desenvolvimento emocional e isto está ligado à confiança e apoio que o adulto “cuidador” oferecerá. O sucesso do desenvolvimento saudável das crianças depende do apego que puderem dedicar a seus cuidadores. Atitudes de manifestação de afeto como abraço, pegar ao colo, palavras e olhares carinhosos devem fazer da afetividade uma reciprocidade.

O comportamento de brincar, por exemplo, deve ter como consequência uma aprendizagem, e a ação, deve promover a oportunidade de uma vinculação afetiva. Estar atentos à subjetividade que está arraigada a qualquer atuação é fundamental.

Goffman (1974) chama à atenção para a subjetividade também dos funcionários, dizendo que ela é dinâmica e muda no ambiente institucional. Bercei (2007) salientou a proporção da dimensão do afetamento que causa ao funcionário estar em contato com o ambiente traumático, ou estar em contato com a pessoa traumatizada e sua história.

Isto pôde ser observado, quando os traumas das cuidadoras emergiam, fazia com que mudassem seu comportamento, tornando-se intolerantes, raivosas, agressivas, alienadas, entristecidas, com emoções incontroláveis, assim como atitudes. Bercei (2007) fala de “comportamentos loucos”. Frente a tudo isto a relação deixava de ser positiva para se tornar patológica, e tendo como consequência o afastamento e a evitação da criança; ou a superproteção e individualização. Em alguns casos as funcionárias adoeciam e se afastavam do ambiente de trabalho.

De frente com esta realidade implantamos algumas atividades como: reuniões periódicas com as funcionárias possibilitando a escuta assim como palestras a respeito do desenvolvimento infantil e suas implicações, a repercussão dos traumas e o afetamento do

ambiente sobre elas próprias. Gulassa (2005) fala sobre esta necessidade de os educadores terem conhecimento sobre “suas funções, suas práticas e sobre si mesmos”.

Fizemos também atendimentos individuais, baseados na terapia corporal e análise de bioenergética, trabalhando os traumas que surgiam ou que emergiam mediante os acontecimentos. Foi escolhida a atuação com bioenergética, pois tal método estimula e libera a força vital, trabalhando a conscientização e o corpo.

Tudo que acontece conosco respondemos com um movimento reagimos com o nosso corpo e a nossa psique, temos padrões e reações que acontecem inconscientemente, não temos controle sobre isso e esses processos internos são mais sábios que aquilo que planejamos conscientemente. Neste trabalho a proposta é limitar nosso controle consciente a aquelas áreas que convém e dar lugar à espontaneidade do corpo e à expressão mais ampla dos sentimentos. A bioenergética por meio de seus exercícios pode nos capacitar a aprofundar o contato conosco mesmos ampliando naturalmente nosso contato com o meio ambiente tornando mais compassivos, compreensivos e assertivos na cooperação com os outros (HOFFMAN & GUDAT, 1997).

Trabalhamos juntos como família para a ornamentação da casa, das festas de aniversários e para os passeios. Demos a liberdade das crianças falarem dos seus conflitos e os orientávamos. Pleiteávamos métodos e técnicas que dessem suporte para o enfrentamento de determinadas situações preparando-as para se desenvolver enquanto adulto saudável, capaz de olhar para sua própria história e poder aprender dela.

Os resultados foram surpreendentes. Um ambiente mais harmonioso, onde o amor estava presente, assim como o carinho e a aceitação. As cuidadoras estavam a par de suas tarefas e sempre que tinham dificuldades buscavam ajuda e entendimento, sem culpa e sem constrangimento.

As patologias diminuíram assim como também os sintomas que sinalizavam que algo estava errado. O aspecto da casa mudou, as pessoas mudaram assim como também as crianças.

Foi um trabalho que exigiu muita dedicação e amor e que precisou que todo o grupo como um conjunto trabalhasse em concordância. Este trabalho ganhou repercussão e recebemos a visita de outros coordenadores de casas abrigos de cidades vizinhas que vinham em busca de ideias e de aprenderem qual o procedimento usado que proporcionou tão bom resultado.

10. CONCLUSÃO

Mesmo tendo atuado, por um período curto e em uma população amostra pequena, ficou evidente, neste projeto pesquisa que a intervenção feita através da bioenergética bem como as outras atividades correlacionadas, trouxeram melhora de atuação nos funcionários, maior consciência de seus afazeres, proporcionou um ambiente melhor às crianças, gerando uma melhora real no comportamento geral de todos.

Baseamo-nos aqui não só na experiência vivenciada num trabalho feito na instituição abrigo por um pouco mais de um ano, mas também em resultado das novas aquisições de conhecimento relativo a este assunto, que trouxeram evidências sobre a urgência da necessidade de uma conscientização dos reais problemas existentes na instituição abrigo, assim como sua diversidade e necessidade da busca de soluções viáveis e abrangentes.

Sendo assim, cabe a nós profissionais levarmos a sério nosso trabalho e termos sempre à consciência que a criança é um ser em desenvolvimento, desprovida de defesas, e por isto precisa de apoio, ajuda e de amor para que se desenvolva de maneira plena, harmônica, consciente e responsável de si mesmo, encontrando novos caminhos na vida e superando seus traumas e conflitos.

11 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAKER, E. “O labirinto humano”. São Paulo: Summus, 1980.

BERCELI, David. “Exercícios para a libertação do trauma: um revolucionário novo método para a recuperação do estresse e trauma”. Recife: Libertas, 2007.

BOWLBY, J. “Cuidados maternos e Saúde mental”. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

CASELLATO, G. “Luto por abandono: enfretamento e correlação com a maternidade”. Tese de Doutorado. Pós-graduação em psicologia clínica, PUC-SP, 2004.

CENTURIÃO, L. R. M. “Alguns aspectos do menor de rua e seu contexto”. Sociologias, Porto Alegre: UFRGS/PPGS, ano 1, p. 244-250, jan-jun,1999.

CUNHA, S. A. “A história de uma criança abrigada: uma compreensão winnicottiana”. Dissertação de Mestrado, Psicologia clínica, PUC-SP, 2003.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE COMENTADO. Lei Federal 8069/1990. Comentários Jurídicos e Sociais. 3ªed. São Paulo: Malheiros, 2000.

FREUD, Sigmund. “Análise terminável e interminável” *Edição standard brasileira de obras completas de Sigmund Freud*. Vol. XXIII, p.239-87. Rio de Janeiro: Imago, 1980.

FREUD, Anna. “Foreword”. In *Basic Psychoanalytic Concepts on Metapsychology, Conflicts, Anxiety and Other Subjects*. H. Nagera. Londres: Editora Allen & Unwin Ltda., 1970.

GOFFMAN, Erving. “Manicômios, prisões e conventos” São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

GUIRADO, M. “A criança e a Febem” São Paulo: Perspectiva, 1980.

- GULASSA, Maria Lúcia C. R. “O que os abrigos dizem sobre si mesmos”. *Boletim Trimestral n. 1; Programa abrigar*. São Paulo: Instituto Camargo Correa, 2005.
- HOFFMANN, Richard & GUDAT, Ulrich. “Bioenergética”. Porto Alegre: Kuarup, 1997.
- LELOUP, J. Y. “O corpo e seus símbolos: uma antropologia essencial”. Petrópolis: Vozes, 1998.
- LOWEN, A. “Bioenergética”. São Paulo: Summus, 1982.
- LOWEN, A. “Narcisismo: Negação do verdadeiro ‘self’”. São Paulo: Circulo do Livro, 1983.
- LOWEN, A. “O corpo em terapia: A abordagem bioenergética”. 10^a ed. São Paulo: Summus, 1997.
- MARIN, I. S. K. “FEBEM, família e identidade: o lugar do outro”. 2^a ed. São Paulo: Escuta, 1999.
- NAVARRO, F. “Caracterologia pós-reichiana”. São Paulo: Summus, 1995.
- NAVARRO, F. “Somatopsicopatologia”. São Paulo: Summus, 1996.
- PIONTELLI, A. “De feto a criança”. Rio de Janeiro: Imago, 1995.
- REICH, Eva. “Energia vital pela bioenergética suave”. São Paulo: Summus, 1998.
- REICH, W. “Análise do Caráter”. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- REICH, W. “Bambini del Futuro”. Milano: Sugarco Edizioni, 1987.
- RIZZINI, Irene; & RIZZINI, Irma. “A institucionalização de crianças no Brasil: percurso histórico e desafios do presente”. Rio de Janeiro: PUC - Rio, 2004.

SPITZ, R. A. “O primeiro ano de vida em estudo psicanalítico do seu desenvolvimento normal e anormal das relações objetais”. 5ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

SIQUEIRA, A. C. & DELL’AGLIO, D. B. “O impacto da institucionalização na infância e na adolescência: uma revisão de literatura”. *Psicologia & Sociedade*. v. 18, n. 1, jan./abr., 2006.

SOUZA LIMA, Mayumi. "A criança e a percepção do espaço" *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 31, p. 73-80, 1979.

SOUZA LIMA, Mayumi. “A cidade e a criança”. São Paulo: Nobel, 1989.

VOLPI, J. H. & VOLPI, S. M. “Crescer é uma aventura! Desenvolvimento emocional segundo a psicologia corporal”. Curitiba: Centro Reichiano, 2002.

VOLPI, J. H. & VOLPI, S. M. “Dinâmicas da psicologia corporal aplicadas a grupos”. Curitiba: Centro Reichiano, 2009, vol. 1.

VOLPI, J. H. & VOLPI, S. M. “Reich: A análise bioenergética”. Curitiba: Centro Reichiano, 2003.

WILHEIM, Joanna. “O que é psicologia pré natal” São Paulo: editora brasiliense, 1992.

SITES:

CAMPOS DE ARRUDA, Isabel. “O cotidiano de um abrigo para crianças e adolescentes: uma simplicidade complexa”. *Tese de Mestrado em Serviço Social. PUC-SP, 2006*. Disponível em www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/1387/1/tese.pdf; acessado em 11 de set. de 2011.

CONSELHO NACIONAL DOS DIREITOS DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE.
Resolução Conanda n. 113, de 19 de abril de 2006 c. Diário Oficial da União. 20, fev. 2006. Disponível em: www.notadez.com.br/content/normas; acessado em 25 de Set. 2011.

DONICE, M. G. “A espiritualidade do contato: A massagem bioenergética neonatal de Eva Reich, como produção da saúde e como prevenção da biopatia”. Disponível em www.saudevidaonline.com.br/artigo99.htm; acessado em 22 de Set. 2011.

YEHUDA, Rachel. “Como seu estilo de vida pode afetar seus descendente.” Disponível em www.wallstreetfitness.com.br; acessado em 15 de Set. de 2011.